

(ORGS.)

FABIO DA SILVA SOUSA

LEANDRO HECKO

NATHALIA MONSEFF JUNQUEIRA

# História

em CIÊNCIA E ENSINO  
ÉTICA E ENGAJAMENTO

# Combate



Copyright © 2022 Fabio da Silva Sousa, Leandro Hecko, Nathalia Monseff Junqueira e Desalinho.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1900, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

O conteúdo dos textos são de inteira responsabilidade dos autores.

Capa de Pablo Rodrigues

Imagem de capa Chris Lawton/Unplash©

## **Editor-chefe**

Pablo Rodrigues

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

História em combate : ciência e ensino, ética e engajamento / organização Fábio da Silva Sousa, Leandro Hecko, Nathalia Monseff Junqueira. — 1. ed. — São João de Meriti, RJ : Desalinho, 2022.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-88544-27-3

1. Ciências 2. Ética 3. História — Coletâneas 4. História — Estudo e ensino 5. Historiadores I. Sousa, Fábio da Silva. II. Hecko, Leandro. III. Junqueira, Nathalia Monseff.

---

22-124441

CDD-900

---

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. História 900

Eliete Marques da Silva — Bibliotecária — CRB-8/9380

## **[2022]**

Desalinho publicações

Rua Caricó, S/N

São João de Meriti — RJ

Telefone: (21) 994428064

[www.desalinhopublicacoes.com.br](http://www.desalinhopublicacoes.com.br)

[desalinhopublicacoes@gmail.com](mailto:desalinhopublicacoes@gmail.com)

# Sumário

## **Prefácio** **7**

Maria Celma Borges

## **Apresentação** **13**

Fábio Sousa

Leandro Hecko

Nathalia Monseff Junqueira

## **Capítulo 1** **15**

ANPUH-MS: ciência e ensino, ética e engajamento

Leandro Hecko

Vitor Wagner Neto de Oliveira

## **Capítulo 2** **29**

Ensino, aprendizagem: a História na escola e na vida

Estevão C. de Rezende Martins

## **Capítulo 3** **41**

Emergência dos estudos culturais e seus contornos na América Latina

Aguinaldo Rodrigues Gomes

Miguel Rodrigues de Sousa Neto

**Capítulo 4** **63**

A busca de conhecimento no território egípcio: uma prática dos viajantes gregos

Nathalia Monseff Junqueira

**Capítulo 5** **87**

A cara da riqueza: a documentação textual e a personificação de Pluto

Leandro Mendonça Barbosa

**Capítulo 6** **105**

As insígnias dos *quattuor amplissima collegia sacerdotum* e a consolidação do poder de Augusto: entre anverso e reverso

Carlos Eduardo da Costa Campos

**Sobre autores** **127**

# As insígnias dos *quattuor amplissima collegia sacerdotum* e a consolidação do poder de Augusto: entre anverso e reverso

CARLOS EDUARDO DA COSTA CAMPOS<sup>1</sup>

## Introdução

Entre o período de 30 AEC e 14 EC observamos evidências discursivas imagéticas de Caio Júlio César Otaviano Augusto como restaurador da ordem social romana. Temos como pressuposto que o recurso iconográfico numismático integrou uma das diversas medidas que lhe permitiu comunicar e se consolidar no poder. Christian Meier (1993, p. 67) salienta que esta ação buscava visibilidade social, jogava com as demandas sociais e formava uma rede sociopolítica entre Augusto, seus apoiadores e a sociedade romana. Nesse campo, a produção imagética religiosa sobre Augusto assumiu uma função central para a comunicação do poder. Desse modo, entre as diversas faces institucionais augustanas, nesse texto, nos interessamos pela sacerdotal.

Entre os colégios sacerdotais ocupados por Otávio Augusto, destacamos a relevância dos *quattuor amplissima collegia sacerdotum* (QACS) para a pesquisa sobre a construção do seu poder. Afinal, a sua centralidade proeminente<sup>2</sup> como supremo comandante militar, juiz ou legislador já nos

---

1. Professor Adjunto de Pré-História e Antiguidade da FACH / UFMS, membro do Museu de Arqueologia, coordenador do PIBID/HIST/FACH e do Grupo de Pesquisa ATRIVM, os quais são sediados também pela UFMS. Docente do Mestrado Profissional em Ensino de História da UEMS e pesquisador do Museu Histórico Nacional — RJ.

2. A centralidade proeminente trata do destaque que um agente social apresenta em todas as conectividades sociais, de forma simétrica e ou assimétrica, no interior de um sistema.

apresenta uma ideia clara sobre as suas conectividades e redes políticas em Roma; no entanto, notamos que a sua participação nos QACS requer também maior aprofundamento da análise histórica.

Os atos cultuais do *princeps* integravam o repertório que era esperado dele como líder de Roma. Dessa forma, o contexto da operação dos rituais religiosos é um elemento essencial para compreendermos o raio de suas ações. Augusto era, com efeito, a pessoa mais importante nas tomadas de decisões entre os vários sacerdotes romanos. O pontificado máximo, como veremos, foi ressignificado no Principado ao ponto de se transformar no cargo com maior poder de decisão sobre questões religiosas e legais (BEARD, 1990, p. 19-46; KUNZ, 2006, p. 15). Além disso, os imperadores posteriores emularam as medidas de Augusto, ao unificar funções religiosas até então distintas no período republicano. Assim, passava a ser atribuição de todo *princeps* assumir a imagem de um *sacerdos publicus* e colocar-se como defensor do bom funcionamento dos rituais romanos, única garantia para a *pax deorum*.

As associações de Augusto junto aos grupos religiosos visavam à obtenção da *auctoritas*. Os QACS não são, portanto, meros adornos na linguagem política de Augusto, pois eles estão bem ressaltados nas *RGDA*, 7: “*pontifex maximus, augur, XV sacris virum faciundis, VII virum, arvalis Frater, sodalis tito, fetialis*”. Temos assim uma lista completa de cargos sacerdotais exercidos por Augusto, os quais, conseqüentemente, viriam a integrar as honrarias dos demais imperadores. Ser membro desses colégios assegurava, a nosso ver, a liderança, a governabilidade e a opinião pública favorável de todas as camadas da sociedade romana. Além disso, a investidura, o título e a função, em conjunto, conferiam valor carismático ao seu portador na tradição religiosa.

## As insígnias dos QACS e o poder de Augusto

Percebemos que os membros dos grandes colégios dispunham de certas insígnias<sup>3</sup> que estavam relacionadas às atividades religiosas que

---

Essa é a posição que forma os maiores laços de reciprocidade com outros agentes sociais (KNOKE, 1990, p. 10).

3. Compreendemos as insígnias sacerdotais como um amplo conjunto de sinais distintivos, os quais eram reconhecidos como atributos de poder, bem como de dignidade, pertencimento e posição social, relativos a cada grupo de especialistas religiosos em Roma.

desenvolviam no mundo romano. Por exemplo, a própria vestimenta<sup>4</sup>, bem como os utensílios sagrados desses colégios, que antes eram constantemente manipulados pelas principais famílias romanas, foram adequados no Principado à linguagem de dominação do *princeps*. Que explicação há para isso? Antes de mais nada, devemos lembrar que o *princeps* deveria adotar uma performance ritual para expressar quem ele era na sociedade, isto é, parecer e aparecer — ou seja, portando insígnias — como um grande sacerdote para a sua afirmação social.

Passemos para a análise das insígnias que eram atribuídas aos QACS. O *aspergillum*, também chamado de *adspersorium*, era um instrumento em cuja extremidade havia uma longa crina, que os sacerdotes romanos usavam para borrifar água sobre aqueles que contribuíram para os sacrifícios e também lançar a água lustral sobre o altar e sobre os animais que viriam a ser sacrificados. É considerado um instrumento de manejo pontifical. Outros elementos que podemos destacar são o *apex* (uma touca pontiaguda) e o *suffibulum* (véu) dos pontífices (SEAR, 2000, p. 8-14).

Já o *lituus* era uma insígnia dos áugures. Era uma espécie de bastão que o áugure portava enquanto descrevia e analisava as diferentes regiões do céu em sua consulta sobre os desígnios dos deuses. A pátera (*patera*), por sua vez, era um prato ou tigela redonda e rasa usada nas libações de vinho aos deuses ou no recolhimento do sangue de animais sacrificados. Era um objeto de culto atribuído aos epulões. A trípole (*tripus*) era um instrumento de três pés, que tinha forma de mesa ou assento e era usada, entre outras coisas, para a queima de incensos, para portar a água lustral e para suporte de vasos. Chamamos atenção para o seu emprego, até mesmo, no lugar de altares sacrificiais. Comumente ela é associada aos quindécenviros, mas integrava também o cotidiano de outros sacerdócios (SEAR, 2000, p. 8-14).

A *secespita* era uma longa faca com um punho redondo de marfim, ornamentado com ouro ou prata, que os sacerdotes usavam para abater animais e extrair suas entranhas. O *praefericulum* era um vaso metálico usado

---

Logo, elas devem ser analisadas de forma contextual e sem generalizações, pois condizem a segmentos específicos.

4. Voltando ao tema das vestimentas sacerdotais, evidenciamos o uso da toga *praetexta*, que somente o *flamen Dialis* portava permanentemente. No entanto, no que se refere ao pontificado máximo, não encontramos um vestuário fixado e exclusivo para a sua distinção social (Dionísio de Halicarnasso, *Ant. Rom.* 2.21.3; *Lex Vrsonensis*, 66, 67 e 68, de Júlio César promulgada em 44 AEC para a colônia *Genetiva Iulia*, na Hispânia).

pelos áugures e outros sacerdotes romanos em seus sacrifícios. Tinha uma boca proeminente e uma orelha ou alça semelhante às nossas atuais. Nele era depositado o vinho ou outros licores dedicados às libações. Já o *securis* era um machado usado para abater animais sacrificados. O *simpulum* era uma concha ou copo com uma alça muito longa, usada para levar o vinho ou outros licores de uma cratera a outro vaso, fazer libações ou ainda, talvez, provar e derramar líquidos na cabeça de animais que seriam sacrificados. É uma das insígnias mais recorrentes do colégio dos pontífices. O *urceus* era um jarro usado para guardar a água que seria usada em sacrifícios (SEAR, 2000, p. 8-14).

Para Ruth Stepper (2003, p. 11-24), os instrumentos sacrificiais e augurais, como as insígnias sacerdotais, simbolizavam a autoridade, a responsabilidade e a piedade do seu emissor, seja ele o pontífice máximo, um sacerdote ou um líder político como Júlio César e os imperadores subsequentes. Em particular, são notórios o desenvolvimento e a utilização dessas insígnias na linguagem monetária, a qual comunicava informações sobre o império e circulava no cotidiano romano durante a época de Augusto. Sendo assim, recorreremos aos dados catalogados por C. H. V. Sutherland e R. A. G. Carson, nos livros *The Roman Imperial Coinage*, os quais foram elaborados em 10 volumes, entre os anos de 1923 — 94. Esse amplo conjunto de dados fornecidos no RIC possibilitam analisarmos a iconografia de Augusto em tais insígnias.<sup>5</sup> No total, levantamos quinze moedas referentes aos QACS, cunhadas entre 28 e 12 AEC. Dentre elas, temos oito moedas de denário de prata<sup>6</sup>, dois quadrantes de bronze,<sup>7</sup> um dupôndio de bronze<sup>8</sup>, um asse de bronze<sup>9</sup> e três áureos<sup>10</sup> diretamente relacionados a Augusto. Vale ressaltar que todas as moedas analisadas circularam, provavelmente,

---

5. A numeração das moedas segue o padrão da catalogação do CINA — Catálogo Iconográfico Numismático Augustano, foi desenvolvida por Carlos Eduardo da Costa Campos, na tese de doutorado: *Otávio Augusto e as suas redes político-religiosas nos quattuor amplissima collegia sacerdotum Romanorum* (2017), com base no RIC I.

6. 1 — RIC I 275 — A; 2 — RIC I 275 — B; 4 — RIC I 343; 5 — RIC I 344; 8 — RIC I 367; 9 — RIC I 397; 10 — RIC I 398; 12 — RIC I 410.

7. 14 — RIC I 421; 15 — RIC I 424.

8. 16 — RIC I 429.

9. 17 — RIC I 471.

10. 7 — RIC I 350; 11 — RIC I 402; 13 — RIC I 411.

na Península Itálica, mas também encontramos evidências da sua circulação nas áreas provinciais (HOWGEGO, 1995, p. 39-60).

No material numismático, verificamos a recorrência do tema do Egito capturado (*AEGVPTO CAPTA*) a partir do ano de 28 AEC, referente à vitória de Augusto contra Marco Antônio e Cleópatra VII na Batalha do Ácio em 31 AEC. Tomando Christopher Howgego (1995, p. 39-60) como nossa fundamentação metodológica de análise numismática, frisamos que esse tema se insere tanto na área das insígnias sacerdotais quanto nas categorias das imagens imperiais e da legitimação do poder. De fato, as imagens em moedas apresentam não somente a legitimidade dos agentes políticos, mas também o simbolismo de suas vitórias e, até mesmo, o pensamento do direito romano de governar o mundo. Nesse sentido, podemos perceber uma gama de signos triunfais e de subjugação quando, por exemplo, povos e regiões são mostrados como derrotados, ajoelhados diante de notórios símbolos de poder romano ou de outros elementos que indiquem tanto a sua condição de subordinação quanto a vitória de Roma.

O repertório do Egito capturado está representado em dez recorrências no tipo denário (fig. 1 e 2), que circularam na Península Itálica. Na moeda 1 (RIC I 275 — A), vemos no anverso a efígie de Augusto virada para a direita e, na moeda 2 (RIC I 275 — B), a cena se repete com a efígie virada para a esquerda. Atrás da cabeça, há um *lituus*. Segundo Seth W. Stevenson e Frederic Madden (1889, p. 520), em *A Dictionary of Roman Coins, Republican and Imperial*, o *lituus augurum* assegurava ao seu portador a *auctoritas* religiosa dos áugures e a posição de conhecedor dos desígnios divinos, o que vem a legitimar a conquista e autoridade de Augusto. No reverso de ambas as moedas, encontramos imagens similares de um crocodilo em pé virado para a direita. Stevenson e Madden (1889, p. 296) pontuam que o crocodilo era um símbolo habitualmente usado para representar o Egito e o Nilo, em especial nas moedas, pois esse animal era bastante visto naquelas regiões.

As moedas 1 e 2 também possuem legendas semelhantes inscritas no campo. No anverso, lê-se *CAESAR COS VI*, ou seja, “César cônsul pela sexta vez”. Já no reverso, há as seguintes palavras *AEGVPTO CAPTA*, que significam “Egito capturado” (VALVERDE, 2014, p. 67-91). Vejamos a seguir alguns exemplares das referidas moedas e as suas análises:



**FIG. 1** Tipo de Moeda: Denário — Prata; Datação: c.a 28 AEC; Região: Península Itálica. Período Consular — VI Consulado de Otaviano; CINA, n.: 1; Referência: RIC I 275 — A



**FIG. 2** Tipo de Moeda: Denário — Prata; Datação: c.a 28 AEC; Região: Península Itálica. Período Consular — VI Consulado de Otávio Augusto; CINA, n.: 2; Referência: RIC I 275 — B.

O crocodilo com a legenda formula uma imagem sobre o processo de subjugação do Egito<sup>11</sup> decorrente das vitórias de Augusto no Ácio e em Alexandria, além de legitimá-lo como governante. Consideramos que o futuro *princeps* usou as moedas para incutir no *horizonte mental* da época um

**11.** Cabe lembrar o caso da *Colonia Nemausus*, na província da Gália, onde se encontram cunhagens com o tema da subjugação do Egito apresentando o repertório do crocodilo associado a novos elementos, como as faces de M. Agripa e Augusto, além do crocodilo acorrentado em uma palmeira, o que simboliza a sua união a Roma. O período de cunhagem foi extenso, compreendido entre 20 AEC e 14 EC. Os suportes detectados foram as moedas de dupôndio e asse de bronze, como podemos ver em RIC I 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160 e 161. Em tais cunhagens percebe-se uma substituição da legenda *AEGVPTO CAPTA* por *COL NEM* (*Colonia Nemausus*). Nesse caso, a legenda fixava o estatuto jurídico-administrativo do lugar. Contudo, apesar de algumas alterações no repertório contido nessas moedas, não podemos ignorar que elas fazem menções diretas ao processo da conquista de Augusto sobre o Egito.

fato que lhe era interessante, sobretudo se considerarmos que essas moedas circularam por diversas regiões e em vários momentos.

Nas moedas 3 (RIC 343) e 4 (RIC 344), que catalogamos, notamos outros dois denários com repertório aproximado e produzidas em 17 AEC, ano dos Jogos Seculares em honra a Roma, à paz e à nova era augustana. Nesse contexto, vemos uma referência ao pontificado e ao epulonato de Augusto. Na moeda 3 (fig. 3), temos no anverso a efigie de Augusto virada para direita e, no reverso, um ápice (*apex*) no centro do campo entre dois escudos ovais. Já na moeda 4 (fig. 4), há no anverso uma imagem de Augusto laureado e montado a cavalo. Além disso, ele segura uma pátera e está virado para direita. No reverso, temos o ápice no centro do campo entre dois escudos ovais, como na moeda 4. No que diz respeito às legendas, as duas moedas apresentam no anverso a inscrição *AVGVSTVS TR POTEST*, que significa “Augusto por seu poder tribunicio”. Já no reverso, lê-se *P STOLO IIVIR* — “P. (Licínio) Estolão Triúnviro”.



**FIG. 3** Tipo de Moeda: Denário — Prata; Datação: c.a 17 AEC; Região: Península Itálica, Roma. CINA, n.: 4; Referência: RIC I 343.



**FIG. 4** Tipo de Moeda: Denário — Prata; Datação: c.a 17 AEC; Região: Península Itálica, Roma. CINA, n.: 5; Referência: RIC I 344

O ápice que aparece entre os dois escudos ovais é um indicador do pontificado de Augusto, pois P. Licínio Estolão, apesar de ter sido um triúmviro monetário, não integrava o corpo de pontífices nesse período, como podemos ver na, *Prosopografia dos quatro grandes colégios sacerdotais no período de consolidação do poder de Otávio Augusto* (29 AEC — 14 EC), que foi produzida por Carlos Eduardo da Costa Campos (2017). Os escudos eram tidos como um presente divino — de Marte ou de outras divindades, como Júpiter — para proteger os romanos. Tito Lívio os menciona ao tratar da formação dos sacerdotes sálios durante o reinado de Numa:

Igualmente escolheu doze sálios para Marte Gradivo e deu-lhes como traje distintivo uma túnica bordada e, sobre ela, uma placa de bronze no peito e lhes encarregou de levar as armas divinas que são chamadas de *anciles*, a caminharem pela cidade, entoando cantos acompanhados de saltos e dança solene (*Hist. Rom.* 1.20.4).

De acordo com Leonard Curchin (1991, p. 167), em Sagunto, o culto sálio também era dedicado a Marte e aqueles que tiveram acesso ao seu colégio sacerdotal eram oriundos da oligarquia local. George Szemler (1971, p. 113-114) frisa que esse sacerdócio, geralmente, era vitalício, mas, quando um sacerdote ascendia a outro posto religioso, deveria abdicar de suas antigas funções. Friederike Fless e Katja Moede (2007, p. 253-255) nos informam que os sálios eram responsáveis em realizar uma dança (*tripudium*) por toda a cidade, duas vezes ao ano, carregando seus escudos sagrados especiais e brandindo espadas neles. Ainda segundo os autores (2007, p. 253-255), o *tripudium* poderia estar vinculado a uma antiga forma de dança guerreira. Analisando as características desse ritual, entre elas o uso das armas e o percurso por toda a cidade, podemos supor que ele procurava expulsar, de dentro da *urbs* ou da *ciuitas*, certos elementos negativos, como os perigos da guerra ou doenças. Destacamos ainda que a pátera (fig.4), objeto do epulonato, também foi uma insígnia colocada nas mãos de governantes e sacerdotes como atributo de suas funções religiosas e, nas mãos das divindades, como o símbolo das honras divinas que lhes são atribuídas (CURCHIN, 1991, p. 167). Assim, os objetos sacerdotais formam todo um

discurso de ordenamento social e zelo escrupuloso de Augusto com o *mos maiorum* e a *religio* num ano que comemorava o início de uma nova era.

É importante destacar a moeda 5 — RIC 350 (fig. 5). Trata-se de um áureo cunhado entre 16-15 AEC e que circulou pela Península Itálica, mais precisamente com contexto arqueológico de descoberta em Roma. Não temos a imagem do anverso, mas, pela descrição do RIC, sabemos que nele há a efigie de Augusto virada para direita com a legenda: *IMP CAESAR TR POT IIX* — “Imperador César, poder tribunício pela oitava vez”. No reverso, ele aparece togado, sentado à direita numa plataforma com a inscrição *LVDS* e distribuindo *suffimenta*<sup>12</sup> a uma das duas outras figuras na cena. Aqui, encontramos a seguinte legenda: *L MESCINIVS AVG SVF P* (L. Mesquíno [Rufo]; Augusto dá *suffimenta* ao povo)



**FIG. 5** Tipo de Moeda: Áureo — Ouro; Datação: c.a 16-15 AEC; Região: Península Itálica, Roma. CINA, n.: 7; Referência: RIC I 350.

Entendemos que a moeda 5 apresenta no seu conjunto numismático uma comemoração aos Jogos Seculares realizados no ano anterior. Tais jogos, celebrados por Augusto, também faziam parte de suas atividades como quindécenviro, por isso ele aparece distribuindo os *suffimenta* purificantes aos cidadãos (STEVENSON; MADDEN, 1889, p. 764). Como vimos há pouco, tais donativos costumavam ser dados visando a expiação e purificação, seja pelos próprios imperadores, no período imperial, seja pelos côn-

**12.** Ressaltamos que os *suffimenta* eram donativos de enxofre, betume e outras substâncias inflamáveis e combustíveis para a composição das tochas, que eram distribuídas entre o povo, poucos dias antes da celebração dos jogos seculares, e com a qual desempenharam sua parte nas cerimônias expiatório e lustral peculiar a essas ocasiões.

sules e decênviros da República, quando oficiavam os sacrifícios em Roma antes da construção dos templos de Apolo Palatino e Júpiter Capitolino. Logo, os jogos e os donativos entregues pelo próprio *princeps* geravam no *horizonte mental* a legitimação do seu poder, através da performance pública e do carisma que ele demonstrava para o povo.

Também vale mencionar a ideia de equidade dos colégios sacerdotais na linguagem política e religiosa de Augusto. A concórdia entre essas duas esferas se faz presente nas moedas de denário, como vemos na moeda 6 — RIC 367 (fig. 6) e 7 — RIC 410 (fig. 7) do CINA. A primeira moeda data de 16 AEC e a segunda, de 13 AEC. Seu contexto de circulação é a Península Itálica, com localização da descoberta em Roma. Na fig. 6, verificamos na iconografia do anverso o simulacro da deusa Vênus, portando um diadema, drapeada e virada para a direita; no reverso, vemos acima o *simpulum* e o *lituus* e o tripé e a pátera, abaixo. Quanto à legenda do anverso, lê-se a inscrição *C ANTISTVS VETVS IIIIVIR* — C. Antístio Veto Triúnviro e no reverso: *COS IMP CAESAR AVGV XI* — Cônsul Imperador César Augusto pela décima primeira vez. Na fig. 7, encontramos na iconografia do anverso a efígie de Augusto virada para a direita e no reverso, como na fig. 6, o *simpulum* e o *lituus* acima e o tripé e a pátera abaixo. Vemos no anverso a legenda *CAESAR AVGVST* — César Augusto e no reverso *C ANTISTIVS REGINVS IIIIVIR* — C. Antístio Regino Triúnviro.



**FIG. 6** Tipo de Moeda: Denário — Prata; Datação: c.a 16 AEC; Região: Península Itálica, Roma. CINA, n.: 8; Referência: RIC I 367.



**FIG. 7** Tipo de Moeda: Denário — Prata; Datação: c.a 13 AEC; Região: Península Itálica, Roma. CINA, n.: 12; Referência: RIC I 410

Na fig. 7, nota-se a utilização de uma referência religiosa, a deusa *Venus Genetrix*. Ela era a matrona da *gens Iulia* e uma das principais divindades euforizadas por Júlio César e Augusto em prol da sua legitimidade social. Portanto, o simulacro da deusa vem a representar algo que o povo compreendia e associava com o *princeps* e a sua família. Na fig. 8, notamos desta vez a própria efígie de Augusto e, nos seus reversos, a linguagem sobre as insígnias sacerdotais é bastante similar, exceto no tocante às legendas produzidas pelos triúnviros monetários. Entendemos que essas insígnias eram importantíssimas para a expressão da identidade sacerdotal do *princeps*, tratando-se, possivelmente, não só de uma demonstração de concórdia entre os QACS, mas também de autoridade sobre eles.

Entretanto, apesar do discurso de equilíbrio entre os colégios, detectamos uma grande recorrência da associação entre as insígnias do pontificado e dos áugures na época de Augusto. Isso se evidencia, sobretudo, nas moedas 8 — RIC 398 (fig.8), 9 — RIC 402 (sem imagem), 10 — RIC 421 (fig.10) e 11 — RIC 424 (fig. 11), do CINA. A moeda 8 é um denário e a moeda 09, um áureo, ambos produzidos em 13 AEC e com circulação na Península Itálica, mais especificamente, em Roma. Já as moedas 10 e 11 são quadrantes, também provenientes de Roma, e circularam, respectivamente, nos anos 9 AEC e 8 AEC.

Na moeda 08, temos na iconografia do averso a efígie de Augusto virada para a direita com um *lituus* atrás dela; no reverso, Augusto aparece

velado e togado, virado para a esquerda com o *simpulum* na mão direita. No anverso, há a legenda *AVGVSTVS* — Augusto e no reverso, *C MARIVS C F TRO III VIR* — C. Mário Triúnviro. A moeda 09, não tivemos acesso a imagem dela, apenas a sua descrição. Assim, no anverso há a efígie de Augusto virada para a direita e, atrás dela, um *lituus* e um *simpulum*. No reverso, encontramos à direita o *princeps* velado e togado, arando a terra diante dos muros da cidade com dois bois. Na legenda do anverso, lemos *CAESAR AVGVST* — César Augusto e, no reverso, *C MARIVS C F TRO III VIR* — C. Mário Triúnviro. Na moeda 10, temos o *simpulum* e o *lituus*, enquanto no reverso não há qualquer imagem. Além disso, encontramos na legenda do anverso *LAMIA SILIVS ANNIVS* — L. Élio Lâmia, P. Sílio, P. C. Ânio Polião e, no reverso, *III VIR A AA FF — S C.* — Triúnviros Monetários por decreto do Senado. Na moeda 11, temos no anverso, novamente, o *simpulum* e o *lituus* e, no reverso, apenas inscrições. Na legenda do anverso, encontramos *PVLCHER TAVRVS REGVLVS* — P. Cláudio Pulcro, Tito Estatílio Touro, Livineio Régulo e, no reverso, *III VIR A AA FF — S C.* — Triúnviros Monetários por decreto do Senado.



**FIG. 8** Tipo de Moeda: Denário — Prata; Datação: c.a 13 AEC; Região: Península Itálica, Roma. CINA, n.: 10; Referência: RIC I 398.



**FIG. 10** Tipo de Moeda: Quadrante — bronze; Datação: c.a 9 AEC; Região: Península Itálica, Roma. CINA, n.: 14; Referência: RIC I 421.



**FIG. 11** Tipo de Moeda: Quadrante — bronze; Datação: c.a 8 AEC; Região: Península Itálica, Roma. CINA, n.: 15; Referência: RIC I 424.

As insígnias de ambos os colégios são recorrentes na temática do poder e da legitimidade do *princeps*. Para Christian Kviem (2011, p. 63-90), a preocupação dos políticos com os áugures e os pontífices se deve às suas funções primordiais no cotidiano romano, desde o início da República. Evidências confiáveis de sua história institucional remontam à própria luta entre patrícios e plebeus pelo acesso aos colégios sacerdotais, como vimos no caso da *Lex Ogulnia* de 300 AEC. Os estudos de G. Szemler (1972, p. 21) endossam esse fato, posto que o prestígio do colégio dos pontífices e dos áugures, devido à sua posição de consulta pelo Senado sobre questões religiosas mais controversas, dava aos seus respectivos sacerdotes grande visibilidade social. Assim, a partir do Principado, o conselho do *princeps* sobre o acesso de membros aos colégios sacerdotais deveria ser considerado. Obviamente, apesar de formarem dois colégios totalmente distintos,

tanto pontífices quanto áugures tinham uma acentuada importância para a consolidação do poder augustano na sociedade.

Federico Santangelo (2011, p. 161-186) critica o destaque, quase exclusivo, dado pela historiografia ao colégio pontifical no período augustano, como o faz Mary Beard (1990, p. 19-48). Para o autor, os QACS, em seu conjunto, eram a forma política de poder aristocrático por excelência, sendo um veículo de comunicação e performance do poder que era vital a Augusto. Dessa forma, os seus apoiadores cunharam moedas enfatizando a relevância desses colégios e fizeram circular essa informação para diferentes níveis da sociedade, o que propiciava tanto a euforização automática dos membros desses colégios e do próprio Augusto quanto a consolidação da ordem social vigente no poder.

## Considerações finais

Ao nos depararmos com a produção histórica atual na área de História Antiga, notamos que ela não ficou isolada das transformações historiográficas em torno do *campo político* que ocorreram ao longo do século XX. Um autor que problematizou tais renovações aplicadas para as pesquisas em Antiguidade foi Ryan Balot (2009, p. 03-19). Segundo o autor, por meio das modificações historiográficas, como as propostas pela *História Cultural* e a *História Política Renovada*, novas formas de análises sobre as *práticas políticas* das Sociedades Antigas foram desenvolvidas nos últimos trinta anos. Balot salienta que é o momento de nos voltarmos para as diversas fases que compreendem o famoso “Mundo Antigo”, que nos possibilitam traçar novos olhares sobre as *relações de poder*. De acordo com R. Saller e Peter Garnsey (2014, p. XII) os nossos próprios olhares mudaram em decorrência principalmente da maior utilização de recursos oriundos das novas tecnologias nas áreas de arqueologia, de ciências naturais, dos métodos estatísticos, e da história comparativa, por exemplo.

Assim, em nossas leituras sobre os Mundos Antigos, muitas vezes, ficamos fascinados com os incríveis feitos dos líderes antigos, ante a nossa época e as nossas realizações. O estudo sobre os governantes e o pensamento político e social clássico são poderosos instrumentos de reflexão para os estudiosos contemporâneos, por possibilitar os alargamentos de visões sobre aspectos antropológicos e políticos do cenário atual. Nesse sentido,

a história de Roma é repleta de personagens e líderes que nos propiciam diversas análises sobre as suas condutas e formas de agir politicamente, entre eles: Eneias, Rômulo, Numa, Cipião Africano e Augusto. Para Ana Tereza Marques Gonçalves (2014, p. XV-XXIII), a produção historiográfica, através dos anos, tem analisado com maior ênfase os atos e realizações de alguns imperadores romanos à frente da condução dos assuntos imperiais, bem como ao seu comportamento, do que outros aspectos. Assim, demarcamos que o *princeps* Caio Júlio César Otaviano Augusto é um desses temas e personagens antigos que continuam a encantar e a inquietar os estudantes e pesquisadores de todo o mundo.

Consideramos Augusto como um camaleão no poder, pois ele se adaptou e modificou-se de acordo com cada contexto político, para assim perseguir e preservar as suas propostas políticas. Para Andrew Wallace-Hadrill (2007, p. 55-84), as transformações e adaptações da nova ordem social formam um processo cultural notável em Roma. O autor ressalta que ainda é difícil, para os pesquisadores atuais, encontrarem uma linguagem apropriada que possibilite caracterizar o impacto de Augusto no horizonte mental da época e dos períodos posteriores. Partilhamos da opinião de Hadrill de que, ao falarmos de uma “revolução romana”, evocamos inevitavelmente os significados que ela possui no mundo contemporâneo, bem como os seus antagonismos sociais, que se encontram enraizados no capitalismo. Nesse sentido, Hadrill propõe, a partir de estudos sobre Ovídio, compreendermos a era augustana como uma “metamorfose romana”, ao contrário de “revolução”. Afinal, a palavra permite lidar com a tradição e a inovação da época, ou seja, uma acomodação entre os processos que coexistiam no período.

Em termos estruturais e materiais, Augusto criou as bases para o novo sistema de governo chamado de Principado, que durou mais de 200 anos. Desse modo, apontamos que, para Paul Zanker (1992, p. 18), tal estabilidade romana na época do Principado foi o resultado de um amplo programa cultural, o qual Augusto promoveu para a construção de uma renovação moral em todos os níveis, desencadeando uma efetiva transformação da mentalidade social. Assim, mecanismos como sua elevação social como eleito pelos deuses se opunham à competição entre os homens pelo poder; contra o luxo privado, Augusto investiu nas reformas de Roma (*publica magnificentia*);

contra a falta humana com a religião romana e a moralidade, o *princeps* promoveu um trabalho de renovação religiosa e moral (*pietas e mores*).

Um programa dessa magnitude necessitava alicerçar-se sobre uma nova linguagem e iconografia. Desse modo, Augusto construiu aquilo que Zanker denominou de *mundo das imagens e a linguagem das imagens*. Ou seja, respectivamente o conjunto de imagens, que são formadas por uma variedade de textos literários, estátuas, moedas, epigrafia, vestimenta, pintura e etc., os quais influenciam por seu discurso os contemporâneos de uma sociedade. Na perspectiva de Zanker, devemos observar os efeitos das imagens e dos *discursos* em seu observador. Unindo os apontamentos de Zanker aos estudos da *semiótica do discurso* de Algirdas Greimas e Joseph Courtés (1979, p. 125-30), evidenciamos que a iconografia e a literatura são dotadas de *discurso*, o qual pode ser definido como uma mensagem formulada por meio de uma linguagem, que é dotada de intencionalidade e intrinsecamente relacionada a um sujeito ou grupo social. Logo, um *discurso* está atrelado a diversos interesses pessoais; de tal maneira a *ação discursiva*, bem como o mundo das imagens e a linguagem das imagens, não deve ser pensada de forma simplista, devido à mensagem contida em seu conteúdo.

A *conexão* elaborada entre Augusto e os membros dos *quattuor amplissima collegia sacerdotum* e externos a eles foi responsável por produzir ideias, informações, recursos e serviços que podem ser transmitidos a outros segmentos. Na verdade, pensamos que Augusto formou uma rede abrangente e densa. Tanto que esses padrões foram replicados entre grupos inteiros em uma escala mais ampla e complexa, o império, assim envolvendo as relações hierárquicas de poder e interdependência. Tais ações permitiram compreendermos como essas conexões e elos estavam ligados ao processo de consolidação de poder augustano, através da religião, nos colégios sacerdotais, e da magistratura.

Desse modo, Augusto se valeu de um conjunto de insígnias religiosas atreladas a sua imagem no campo numismático. Tal relação estabelecida entre o personagem e os símbolos sacerdotais expressava a sua atuação com os colégios sacerdotais, os elos entre ele e os membros dos sacerdócios, assim como demarcava o seu zelo pelo sagrado. A *pax deorum*, de certa forma, também se liga com a produção e circulação dessas imagens, as quais validam o compromisso do *princeps* com a paz e o ordenamento social através do *mos maiorum*. As insígnias não são meros adereços, pois comunicam o

pertencimento a determinados cargos religiosos e conferem ao seu portador legitimidade. Logo, Augusto ao se valer de tais insígnias em suas representações comunicava as camadas sociais sobre sua atuação sacerdotal, bem como assegurava seu papel diante de toda comunidade.

## Referências

### Referência Documental Literária

CASSIUS DIO. **Roman History**. 9 vols. Loeb Classical Library. Trans.: Earnest Car. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914-1927.

CESAR AUGUSTO. **Res Gestae** (Coisas Feitas). Tradução: Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos, Antônio Martinez Rezende. Belo Horizonte — Mg: Ed. UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. **Res Gestae Divi Augusti**. Trad.: John Scheid. Paris: Belle Lettres, 2007.

DIONISIO DE HALICARNASSO. **Roman Antiquities**. Trad.: Earnest Cary. Vol. I (L. I-II). Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1937.

SUETÔNIO. **Vida do Divino Augusto**. Tradução: Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos, Antônio Martinez Rezende. Belo Horizonte — Mg: Ed. UFMG, 2007.

VELEYO DE PATERCULO. **História Romana**. Tradução: Maria Sanchez Manzano. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

### Referências de matriz arqueológica

CIL I<sup>2</sup> (**Corpus Inscriptionum Latinarum**). Theodor Mommsen (et alli). Berlin, 1893-1896.

EHRENBERG, Victor; JONES, A. H. M. **Documents illustrating the reigns of Augustus & Tiberius**. Oxford: At the Clarendon Press, 1949.

RIC — **Roman Imperial Coinage**, Vol. 1, segunda edição. Por C. H. V. Sutherland e R. A. G. Carson, Londres — UK: Spike and Sons, 1984 (Primeira edição em 1923).

RUPKE, Jörg. **Fasti Sacerdotum** — A prosopography of Pagan, Jewish, and Christian Religious Officials in the City of Rome, 300 BC to AD499. Oxford: Oxford University Press, 2008.

## Referências bibliográficas

BALOT, Ryan K. Rethinking the History of Greek and Roman Political Thought. In: BALOT, Ryan K.(org.) **A Companion to Greek and Roman Political Thought**. Massachusetts-EUA; Oxford — Reino Unido:Wiley-Blackwell Publishing Ltd, 2009, p. 03-19.

BEARD, Mary; CRAWFORD, Michael. **Rome in the Late Republic: Problems and Interpretations**. London: Duckworth, 1985.

\_\_\_\_\_. **SPQR: A History of Ancient Rome**. Londres: Profile Books Ltd., 2015.

\_\_\_\_\_. **Pagan Priests**. Religion and Power in the Ancient World. London — UK: Duckworth, 1990.

\_\_\_\_\_. Priesthood in the Roman Republic. In: \_\_\_\_\_; NORTH, John. **Pagan Priests**. Religion and Power in the Ancient World. London: Duckworth, 1990.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; PRICE, S. **Religions of Rome**. Vol. I: a history; Vol. II: a source book. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CAMPOS, C. E. C. **Otávio Augusto e as suas redes político-religiosas nos quattuor amplissima collegia sacerdotum romanorum (29 AEC — 14 EC)**. Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CRAWFORD, Michael H. **Coinage and Money under the Roman Republic: Italy and the Mediterranean Economy**. California: University of California Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **Roman Republican Coinage**. Vol.II. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

CURCHIN, Leonard Andrew. **Roman Spain: conquest and assimilation**. London: Routledge, 1991.

DELGADO, José A. Delgado. **Sacerdocios y Sacerdotes de la Antigüedad Clásica**. Madrid: Ediciones del Orto, 2000.

DROGULA, Fred K. Imperium, Potestas, and the Pomerium in the Roman Republic. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Bd. 56, H. 4,

2007.

FLESS, Friederike; MOEDE, Katja. Music and Dance: Forms of Representation in Pictorial and Written Sources. In: RÜPKE, Jörg. (Ed.). **A Companion Roman Religion**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

GARNSEY, Peter Garnsey; SALLER, Richard. **The Roman Empire: Economy, Society and Culture**. London; New York: Bloomsbury Academic, 2014.

GONÇALVES, Ana Thereza Marques. Apresentação. In: CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa [et. al.]. **Caesar Augustus: Entre Práticas e Representações**. Vitória: Dll/UFES, 2014, p.XV-XXIII.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1979.

HOWGEGO, Christopher. **Ancient History from Coins**. London: Routledge, 1995.

KNOKE, David. **Political Networks: the Structural Perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

KONSTAN, David. **A amizade no mundo clássico**. São Paulo: Ed. Odysseus, 2005.

KRANJC, Janez. **Virtues in the Law: The Case of Pietas**. New York: NYU School of Law, 2012.

KUNZ, Henriette. **Die Religionspolitik des Augustus**. München: Grin Verlag, 2006.

SANTANGELO, Federico. Pax deorum and pontiffs. In: \_\_\_\_\_; RICHARDSON, James H. Richardson. **Priests and State in the Roman World**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2011, p.161-186.

STEPPER, Ruth. **Augustus et sacerdos**. Untersuchungen zum römischen Kaiser als Priester. Wiesbaden: Steiner, 2003.

SEAR, D. R. **Roman coins and their values: The millennium edition**. vol. I. London, Spink, 2000.

STEVENSON, Seth William; MADDEN, Frederic William. **A dictionary of Roman coins: republican and imperial**. London: G. Bell and Sons, 1889.

SYME, Ronald. **Imperator Caesar: A Study in Nomenclature**. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Bd. 7, H. 2, Apr., 1958, p. 172-188.

SYME, Ronald. Problems about Janus. **The American Journal of Philology**, Vol. 100, No. 1, Tekmhpon. A Special Issue in Honor of James Henry

Oliver, Spring, 1979, p. 188-212.

SYME, Ronald. **The Augustan Aristocracy**. Oxford: Clarendon Press, 1989.

SZEMLER, George. Religio, Priesthoods and Magistracies in the Roman Republic. **Numen**, Vol. 18, Fasc. 2, Aug., 1971, p. 103-31.

\_\_\_\_\_. The priests of the Roman Republic. A Study of Interactions Between Priesthoods and Magistracies. **LATOMUS — Revue d' Études Latines**. Bruxelles, 1972.

TRAN, Nicolas. **Les membres des associations romaines: Le rang social des collegiati en Italie et en Gaules, sous le Haut-Empire**. Paris: Publications de l'École française de Rome Collection: Collection de l'École française de Rome, 2006.

VALVERDE, Luis Amela. Augusto antes de Augusto: La amonedación de C. Julio Octaviano en su imaginario. **Revista Numismática — OMNI**. Special Issue: Bimillennium of Augustus death, n.º: 08, 2014, p. 67-91.

VERBOVEN, Koenrad. The associative order: status and ethos among Roman businessmen in Late Republic and Early Empire. In: **Athenaeum: studi periodici di letteratura e storia dell'antichità**, n° 95, 2007, p. 861-893.

VOGEL-WEIDEMANN, Ursula. The Opposition under the Early Caesars: Some Remarks on Its Nature and Aims. **Acta Classica**, 22, (1979), p. 91-107.

WAGENVOORT, H. **Pietas: Selected studies in roman religion**. Leiden: E. J. Brill, 1980.

WALLACE-HADRILL, Andrew. Mutatas Formas: The Augustan Transformation of Roman Knowledge. In: GALINSKY, Karl (ed.). **The Cambridge Companion to The age of Augustus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. **Augustan Rome**. London: Bristol Classical Press, 2012.

WERNER, Eck. **The Age of Augustus**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

WILKINSON, Sam. **Republicanism during the early Roman Empire**. London: Continuum International Publishing Group, 2012.

WILLIAMS, Jonathan. Religion and Roman Coins. In: RUPKE, Jörg (Ed.). **A Companion to Roman Religion**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

YAKOBSON, Alexander. Popular Power in the Roman Republic. In: ROSENSTEIN, Nathan; MORSTEIN-MARX, Robert (org.) **A Companion to the Roman Republic**. Oxford — UK: Blackwell Publishing Ltd, 2006.

YAVETZ, Zvi. The Personality of Augustus: Reflections on Syme's Roman Revolution. In: RAAFLAUB, Kurt A.; TOHER, Mark; BOWERSOCK, G. W. (org.). **Between Republic and Empire: Interpretations of Augustus and His Principate**. California: University of California Press, 1993.

ZANKER, Paul. **The Power of Images in the Age of Augustus**. Michigan: The University of Michigan, 1988.

\_\_\_\_\_. **Augusto y el poder de las imágenes**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.